

NOÊMIA DE SOUZA: UMA OBRA DE REPRESENTATIVIDADE E EMPODERAMENTO

Carine dos Santos Bessa¹
Luís Tomás Domingos²

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar a contribuição de Noémia de Souza para o empoderamento feminino na literatura moçambicana no processo de descolonização. Buscaremos contextualizar a sociedade e a literatura de Moçambique e suas influências durante o período colonial e o processo de independência, para assim, nos debruçarmos sobre poemas de sua autoria que desenvolvem como temas: construção identitária, representatividade, resistência e luta. Para conhecer o universo feminino africano nos debruçamos sob feministas africanas como Minna Salami (2017), Oyèrónké Oyéwùmí (2000/2004) e Anima Mama (2021), para estas a diversidade e resistência cultural em África prevê a não aplicação de conceitos feministas baseados nas culturas ocidentais, pois as realidades africanas são diversas e múltiplas, são culturas milenares que resistem aos enquadramentos da dualidade binariamente oposta, entre masculino/feminino, homem/ mulher do sistema capitalista. Tomamos como referencial teórico-metodológico Gaspareto (2020) e Gorinki (2018) para análise das obras de Noémia de Souza constatando nestas o suporte para dar visibilidade e empoderamento à mulheres escritoras e leitoras que fortalecem a reflexão e, de alguma forma transformam seu mundo. Assim, encontramos aos seguintes resultados: Os resquícios do processo de colonização realizado pelos países europeus sobre os países africanos reverberam até os dias atuais; Os feminismos africanos existem e são representados e interpretados de forma diferente, de acordo com os países, as diásporas ou os estudiosos que estão analisando as

1 Mestra em Educação e Ensino pelo Programa de Mestrado Acadêmico Intercampi da Universidade Estadual do Ceará, carine.bessa@prof.ce.gov.br;

2 Orientador Doutor em Antropologia e Sociologia da Política pela Universidade de Paris/França (2002). Professor da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB – Ceará/Brasil, luis.tomas@unilab.edu.br.

situações, logo temos que compreender o contexto e o lugar de fala destes intelectuais; Noémia de Sousa foi uma grande poetisa que, através de sua arte, conseguiu desvelar as dores do seu povo, sua voz até os dias de hoje, pode ser ouvida como um grito de provocação e convocação à luta.

Palavras-chave: Empoderamento feminino, Literatura Africana, Moçambique, Noémia de Souza.

INTRODUÇÃO

Na perspectiva de compreender a obra de Noémia de Souza e mensurar sua contribuição para a literatura moçambicana faz-se necessário, primeiro, conhecer seu lugar de fala, sua história, trajetória e ideologias. Para tanto, buscamos contextualizar a sociedade e a literatura de Moçambique e suas influências, durante o período colonial e o processo de independência, para assim, debruçarmo-nos sobre poemas de sua autoria que desenvolvem temas como construção identitária, representatividade, resistência e luta.

A autora nasceu em 1926, na cidade de Catembe, Moçambique; em 1940 trabalhou no jornal o Brado Africano e no ano 1953 publicou Sangue Negro de forma clandestina com recursos próprios devido o contexto social de repressão foi perseguida pela PIDE, sendo obrigada a deixar seu país. Viveu em Portugal e França onde continuou contribuindo para as discussões sobre a independência dos países africanos. Faleceu em 4 de dezembro de 2002, em Portugal.

A representatividade feminina é tema constante em debates, simpósios e congressos mundiais. Vera Gaspareto (2020), que se dedica ao estudo da troca de saberes entre mulheres brasileiras e moçambicanas sobre o estudo de gênero em Moçambique, destaca que este campo está em construção, tornando-se necessário para o desenvolvimento identitário destas mulheres, a divulgação de seus saberes, sua autonomia e possibilidades dentro de uma sociedade patriarcal. Historiadores destacam a luta das mulheres por seu espaço ainda no início do Século XX com destaque para nomes como: Adelaide Casely-Hayfor (Serra Leoa), Charlotte Maxeke (África do Sul) e Huda Sharaawi (Egito); e, na contemporaneidade, citamos por exemplo: Minna Salami, jornalista nigeriana, ativista das causas feministas que se dedica ao tema e ressalta no artigo “Uma breve história do feminismo africano³”:

Enquanto a palavra “feminismo” é certamente uma importância (como todas as palavras em inglês), o conceito de oposição patriarcal, isto é, a *raison d'être* do feminismo, não é algo novo ou estranho no nosso continente. África tem algumas das civilizações mais antigas do mundo, por isso, embora nem sempre o chamassem de feminismo (o substantivo) até onde podemos rastrear sabemos que haviam mulheres que eram feministas (o adjetivo) e que encontraram maneiras de se opor ao patriarcado. Portanto,

3 Disponível em: [Uma breve história do feminismo africano — Ondjango Feminista](#) Acessado em: 03 set. 2021.

o feminismo é uma parte importante da história das mulheres africanas (Salami, 2017).

Salami (2017) afirma que o feminismo é uma necessidade absoluta para as sociedades africanas, pois países africanos ocupam o mais baixo lugar no índice global da igualdade de gênero, com números elevados de violência doméstica e o número mais elevado de circuncisões e mutilações femininas, além de outras tradições prejudiciais à vida feminina. Portanto, para a jornalista “somente a mulher africana seria capaz de assumir a responsabilidade de proteger a história das mulheres africanas e conectá-las às situações de hoje (Salami, 2017)”.

Diante desse contexto é que analisamos a obra de Noémia de Souza como suporte que dá visibilidade e empoderamento a mulheres escritoras e leitoras que fortalecem a reflexão e, de alguma forma transformam seu mundo, buscando nessa perspectiva responder os seguintes questionamentos: Qual a contribuição de Noémia de Souza para a representatividade e o empoderamento feminino na literatura moçambicana? Em quais passagens de sua obra observamos a representatividade e o empoderamento feminino? Quais autores destacam a obra de Noémia de Souza como precursora da representatividade do empoderamento feminino na literatura moçambicana?

Noémia de Souza rompeu com o silenciamento feminino na década de 1940 ao participar de movimentos pela independência e escrever para jornais representando as angustias da população nativa de Moçambique, indo de encontro aos ideais dos colonizadores. Iniciamos nossos estudos com a apropriação de vida e obra da autora nas biografias de sites africanos e publicações de artigos, bem como em documentários e entrevistas.

Para contemplar o tema representatividade e empoderamento feminino, referenciamos a autora Minna Salami, Oyèrónké Oyéwùmí e Anima Mama que se dedicam ao estudo do feminismo em território africano.

Para o desenvolvimento do trabalho, além da fonte primária “Sangue Negro” (1951), de Noémia de Souza, recorremos a fontes secundárias que se dedicam ao estudo da obra como “O discurso poético de Noémia de Sousa: resistência, poder e subalternidade”, de Jaqueline Brito Sant’anna, que faz uma interpretação detalhada sobre o poema “Se me quiseses conhecer”; “Voz, origem, corpo, narração: poesia de Noémia de Sousa”, de Ana Mafalda Leite que analisa a obra de Noémia de Souza e sua representatividade africana; e da Tese de Mestrado de Petra Goricki, intitulada: “A poesia de Noémia de Sousa e a

Negritude”, além de “O prazer da produção científica”, de Israel Azevedo (2012) e de Filosofia da ciência, de Rubem Alves, norteadores do processo metodológico de pesquisa e escrita.

METODOLOGIA

Para compreender o lugar de fala de nossa autora Noémia de Souza, se faz necessário conhecer e buscar compreender um pouco das culturas africanas, como por exemplo: entender que os povos originários em sua formação não carregavam consigo alguns estigmas que lhes foram impostos com a chegada do colonizador europeu, o sistema capitalista e a industrialização, como a família nuclear, a hierarquização patriarcal, e as categorias raciais.

Oyèrónké Oyéwùmí (2004) esclarece que para estabelecer a hegemonia cultural euro-americana, os colonizadores impuseram suas crenças, valores e conceitos transfigurando todas as culturas originárias, como observamos:

Um dos efeitos desse eurocentrismo é a racialização do conhecimento: a Europa é representada como fonte do conhecimento, e os europeus, como conhecedores. Na verdade, o privilégio de gênero masculino como uma parte essencial do ethos europeu está consagrado na cultura da modernidade. Esse contexto global para a produção de conhecimento deve ser levado em conta em nossa busca para compreender as realidades africanas e de fato a condição humana (Oyéwùmí, 2004, p. 01).

Para Oyéwùmí (2004), a família nuclear patriarcal europeia está na base das discussões sobre gênero, pois universaliza um conceito único e aceitável de família, constituída por um casal, homem e mulher, e seus filhos que, dentro desta instituição, exercem funções específicas: o homem, como provedor, e a mulher, como cuidadora, reproduzem o conceito de marido patriarcal e mulher subordinada. Tal constatação não deve ser tomada como verdade para os povos africanos, visto que suas formações familiares são diversificadas e “gênero é antes de tudo uma construção sociocultural”(Oyéwùmí, 2004). Destaca ainda que, na África Ocidental, mesmo diante de toda a promoção da família nuclear realizada pelos colonizadores, os povos africanos continuaram a constituir suas famílias não-generificada, como ela mesma explica:

É não-generificada porque papéis de parentesco e categorias não são diferenciados por gênero. Então, significativamente, os

centros de poder dentro da família são difusos e não especificados pelo gênero. Porque o princípio organizador fundamental no seio da família é antiguidade baseada na idade relativa, e não de gênero, as categorias de parentesco codificam antiguidade, e não gênero. Antiguidade é a classificação das pessoas com base em suas idades cronológicas. Daí as palavras *egbon*, referente ao irmão mais velho, e *aburo* para o irmão mais novo de quem fala, independente do gênero. O princípio da antiguidade é dinâmico e fluído; ao contrário do gênero, não é rígido ou estático (Yoéwùmí, 2004, p. 6).

Em seus estudos, Yoéwùmí (2000) destaca que, nos arranjos familiares africanos, o laço mais importante está entre mãe e filhos(as) concebidos (as) como natural e inquebrável, vinculando todos que são concebidos da mesma mãe. Logo esta é a identidade mais importante reivindicada pelas mulheres africanas. E a maternidade não está relacionada à paternidade, portanto, a ideia de que as mães são poderosas é muito mais uma característica definidora da instituição e seu lugar na sociedade.

Diante da diversidade e resistência cultural em África, a autora previne para a não aplicação de conceitos feministas baseados nas culturas ocidentais. As realidades africanas são diversas e múltiplas, são culturas milenares que resistem aos enquadramentos da dualidade binariamente oposta, entre masculino/feminino, homem/ mulher do sistema capitalista. Alertando ainda que o que as feministas ocidentais reivindicam é a “esposa nuclear”, algo que pode ser prejudicial para as mulheres africanas, tratando-se de mais um enquadramento, pois, para a Yoéwùmí (2000), a luta deve ser pela liberdade, a negação aos rótulos, estigmas, funções, “para as mulheres serem o que quiserem ser (Yoéwùmí, 2000, p. 06)”.

Outra representatividade que se dedica ao estudo do feminismo africano, políticas e ações que amparem e defendam a liberdade das mulheres é Amina Mana, nigeriana, nascida em 1958. Para esta, as mulheres africanas tiveram que lutar para encontrar o seu próprio significado de feminismo, como as mulheres de culturas europeias, ocidentais e americanas, compreendendo que o termo, muitas vezes, fora utilizado de forma deturpada para interesses antidemocráticos, ciente que é de responsabilidade de toda mulher esclarecida propagar o conhecimento, como defende abaixo:

O feminismo continua a ser um termo positivo, baseado no movimento, e eu estou feliz por ser identificada com ele. Indica uma

rejeição da opressão, a luta pela libertação da mulher de todas as formas de opressão, interna, externa, psicológica e emocional, sócio-econômica, política e filosófica. Gosto do termo porque me identifica com uma comunidade de mulheres radicais e auto-confiantes, muitas das quais admiro, tanto como indivíduos como pelo que contribuíram para o seu desenvolvimento. Estas referências são mulheres africanas, asiáticas, latinoamericanas, do Médio Oriente, europeias e norte-americanas de todas as cores e tendências, passadas e presentes (Mama, 2021).

Nesta perspectiva, Mama esclarece que as mulheres devem lutar por uma política de gênero voltada à transformação da sociedade em três níveis: “ao nível da nossa subjectividade, ao nível das nossas vidas e relações pessoais e, em terceiro lugar, ao nível da economia política”(Mama, 2021), superando, assim, todos os níveis de injustiças, em busca de uma sociedade igualitária. Como participante de Instituto Africano do Gênero na Universidade da Cidade do Cabo (África do Sul), a intelectual defende que as mulheres devem se organizar e utilizar espaços como a universidade para desenvolver estratégias e ferramentas tecnológicas de informação, investigação, comunicação, ensino, formação e escrita para fomentar a luta.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Carolina Noémia Abranches de Souza Soares nasceu no ano de 1926, em Catembe, Moçambique. Era mestiça; seu pai era descendente de portugueses e sua mãe, mulata, filha de um alemão e uma negra, filha de um chefe ronga. Com seu pai, que era funcionário público, aprendeu a ler, aos quatro anos de idade e, com sua mãe, aprendeu a cultura moçambicana, seus hábitos e costumes. Com o falecimento de seu pai, quando tinha oito anos, a família mudou-se para a cidade de Munhuana e sua mãe teve que trabalhar para sustentar os seis filhos. Noémia não pode ir para a universidade, prosseguiu seus estudos na Escola Comercial, onde aprendeu inglês e francês e, aos dezesseis anos, começou a trabalhar numa firma indiana.

Sua vivência na capital moçambicana possibilitou o contato com as tensões sociais e raciais, nas décadas de 1940 e 1950, marcadas pelo amadurecimento de uma nova consciência dos problemas africanos gerados pelo sistema. De acordo com Sousa (2008), neste período, a poetisa adentra o conjunto literário de Moçambique, passa a frequentar a Associação Africana e a trabalhar em jor-

nais que assumiam características revolucionárias como “Mocidade Portuguesa” e o “O Brado Africano”, que denunciavam e reivindicavam as situações de discriminação e exploração da população negra, em oposição ao colonialismo, inspirados nas reflexões de intelectuais da época como Amílcar Cabral, como destaca Sousa:

Nessa mesma direção, segue Noémia de Sousa que escreve pela primeira vez, em 1948, para o jornal “Mocidade Portuguesa”, o poema intitulado Canção Fraterna, assinando apenas com as iniciais N.S. Seu poema provocou grande alvoroço na época, período de forte repressão política, pelo conteúdo de seus versos voltados para a denúncia da escravidão e pela declarada adesão à potencialidade de emancipação humana configurada pelo (a) suposto (a) escritor (a): “Irmão negro de voz quente/ o olhar magoado,/ diz -me:/ Que séculos de escravidão/ geraram tua voz dolente?/ Quem pôs o mistério e a dor/ em cada palavra tua?/ E a humilde resignação/ na tua triste canção?/ E o poço de melancolia/ no fundo do teu olhar?/ Mas mesmo encadeado, irmão,/ que estranho feitiço o teu!/ A tua voz dolente chorou/ de dor e saudade,/ gritou de escravidão e veio murmurar à minha alma em ferida/ que a tua triste canção dorida/não é só tua, irmão de voz de veludo/ e olhos 7 de luar.../ Veio de manso murmurar/ que a tua canção é minha” (Sousa, 2008, p. 04 -05).

A partir daí, seus poemas passam a dialogar com o povo negro, em busca de sua identidade, suas raízes e a luta pela conscientização e resistência ao sistema escravocrata, convocando a união e a solidariedade, ciente da responsabilidade e compromisso social da arte poética com o sofrimento da coletividade, influenciada pelas tendências estético-literárias do Neo-realismo italiano, Modernismo brasileiro e no Movimento Negritude que propunha a ruptura total com a literatura colonial. Como observamos no poema “Nossa Voz”:

“Nossa voz ergueu-se consciente e bárbara/ Sobre o branco egoísmo dos homens/ Sobre a indiferença assassina de todos/ Nossa voz molhada das cacimbadas do sertão/ Nossa voz ardente como o sol das malangas/ Nossa voz atabaque chamando/ Nossa voz lança de maguigwana/ Nossa voz, irmão,/ Nossa voz trespassou a atmosfera conformista da cidade/ E revolucionou-a/ Arrastou-a como um ciclone de conhecimento/ Nossa voz, irmão!/ Nossa voz atabaque chamando” (Sousa, 2001, p.33-34).

De acordo com Sousa (2008), a poetisa apresenta, também, neste poema, o diálogo que manteve com outros poetas revolucionários, como José Craveirinha, seu conterrâneo, e tantos outros, não só de Moçambique, mas de todos os países africanos dominados pelas forças do colonialismo, irmanados no desejo de libertação, como observamos abaixo:

Nos textos poéticos de Noémia, aspectos biográficos, lutas políticas, desejos e tensões pessoais misturam-se de modo que a sua obra sustenta reflexões sobre a africanidade para o domínio da arte, usando, assim, uma forma poética que acentua os novos caminhos da poesia moçambicana, ainda quando os seus versos apontam para a construção de uma identidade cultural, a erigir-se nacional, por meio de um discurso de combate social, denunciador da precariedade socioeconômica e da exploração colonial. É, justamente, por apresentar uma linguagem poética de protesto e de caráter de denúncia, a partir de preocupações constantes com o ser humano, que a poesia de Noémia faz suscitar no leitor a crença no poder transformador da história e na esperança do restabelecimento do “status quo” repressivo (Sousa, 2008, p. 07).

O quê foi reconhecido tanto por intelectuais contemporâneos como por estudiosos que se dedicam ao estudo dos movimentos literários, como Petra Goricki. De acordo com Goricki (2018), ao trabalhar no jornal O Brado Africano (1953), sendo responsável pela Página Feminina, a escritora aproveitou-se da linguagem poética para apresentar às outras mulheres textos literários, biografias curtas, poesias, resenhas de filmes, seus próprios textos e textos de seus camaradas sobre nacionalismo africano.

O projeto nacionalista moçambicano foi desenvolvido por um grupo de intelectuais do qual a poetisa fazia parte, responsável por organizar atividades de promoção à saúde, educação, cultura e desporto, sendo a imprensa o principal veículo de divulgação destas ações e das ideias revolucionárias que conduziriam à Independência política de Moçambique. Tornando-se referência para os discursos de resistência e libertação em Angola, Cabo-Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, é citada por Sant’anna:

Em Moçambique uma voz se levanta para cantar o que está inscrito em seu corpo. É uma voz feminina que ouviu o tambor de sua africanidade bater desde longe, desde há tempos por suas veias, por sua terra, por sua Mãe. É a voz da resistência do couro retesado do tambor, ao ser percutido com mãos fortes, irmãs, filhas... É a voz de Noémia de Sousa que lança seu canto poético

de grandes representações, como recurso de resistência e libertação (Sant'anna, 2009, p. 72).

Esta voz de resistência e representatividade da mulher negra não foi aceita pelas autoridades políticas e teve que usar de subterfúgios, de acordo com Goricki (2018), mesmo tendo utilizado pseudônimos, em suas publicações, sendo o mais conhecido Vera Micaia, seu discurso chamou atenção da PIDE, polícia de repressão do sistema, sendo perseguida e obrigada a deixar as terras africanas, partindo para Portugal em 1951. Mesmo assim, não se eximiu, colaborando com o Centro de Estudos Africanos, junto a personalidades como Amílcar Cabral, Mário Pinto de Andrade, Agostinho Neto e Francisco José Tenreiro, representantes da luta pela independência dos países africanos sob domínio portugueses.

Em 1964, mudou-se para a França com seu marido, retornando para Portugal em 1973 e durante todo este período continuou a trabalhar para veículos de comunicação e imprensa, faleceu em 4 de dezembro de 2002. Apesar de toda propagação e reconhecimento, os poemas de Noémia de Sousa só foram publicados, em livro no ano de 2001, intitulado Sangue Negro, composto por 46 poemas que expressam a dor e o sofrimento do povo negro, mas, acima de tudo, seu poder de resistência e seu grito de luta. Seus poemas publicados em diversos jornais se espalharam por todos os países de língua portuguesa e tornaram-se referência de luta e resistência, sendo reconhecida por grandes autores que incorporavam seus poemas em muitas antologias de poesia, como cita Goricki:

A Casa dos Estudantes do Império editou e publicou várias antologias de poesia entre 1951 e 1953 que incluíam a poesia de Noémia de Sousa. Em 1953, Mário Pinto de Andrade e Francisco José Tenreiro publicaram O Caderno de Poesia Negra de Expressão Portuguesa, em que reuniram poemas de Alda do Espírito Santo, Francisco José Tenreiro, Agostinho Neto, António Jacinto, Viriato da Cruz e Noémia de Sousa. Neste caderno, Mário Pinto de Andrade refere-se a Noémia de Sousa como “a voz da circunstancialidade negra de Moçambique” e “a voz singular 9 das moças das docas, das irmãs do mato, dos que voltam das minas do Rand, magaiças” (Goricki, 2018, p. 18).

Desta citação, gostaríamos de destacar como Mario Pinto de Andrade define a poetisa: “a voz da circunstancialidade negra de Moçambique” e “a voz singular das moças das docas”, podemos observar o teor de representatividade

nestas definições, para além de configurar a situação de seu povo, do sofrimento do povo negro, a escritora representava a figura da mulher negra e era reconhecida por seus pares, sendo a mulher figura recorrente em seus textos como agente de transformação. Como afirma Goricki (2018):

Além dos temas e motivos que exaltam a África e as raízes africanas, Noémia de Sousa é uma das primeiras escritoras moçambicanas que chamou a atenção para a questão das mulheres moçambicanas. Nos seus poemas ela explorou as experiências das mulheres negras, mestiças e mulatas em Moçambique. Conforme Owen, Sousa falava das experiências específicas das mulheres dentro do âmbito da miscigenação e da assimilação. Assim, Owen salienta que Noémia de Sousa mostrou o impacto que a miscigenação e a assimilação tiveram nela – uma filha mestiça, privada das suas raízes maternas africanas, uma vez que a assimilação à família branca paterna portuguesa acarretava a rejeição das raízes da mãe africana (Goricki, 2018, p. 26).

Assim, em seu lugar de fala, consciente de suas raízes e ciente de suas privações causadas pelo sistema colonialista, podemos perceber o poder da voz da mulher retratada por Noémia de Sousa. Tanto Santa'anna (2009) como Sousa (2008) a destacam, para além da representatividade do povo negro, convocando-a à identidade e à solidariedade feminina, promovendo a desarticulação de uma condição duplamente colonizada, tanto pelos valores eurocêntricos como pelos valores patriarcais do colonizador, possibilitando através da identificação e conhecimento o campo de luta pela libertação.

A poetisa, considerada “Mãe dos poetas moçambicanos”, com seus poemas de resistência, esculpe, na história do mundo, a revolução vivenciada no seu dia a dia, em um país marcado por uma tradição cultural ainda presente e de valores sociais desiguais, como observamos no poema abaixo:

*Para Antero
Se me quiseres conhecer,
estuda com os olhos bem de ver
esse pedaço de pau preto
que um desconhecido irmão
maconde de mãos inspiradas
talhou e trabalhou em terras distantes lá do Norte.*

Ah, essa sou eu:
órbitas vazias no desespero de possuir a vida,
boca rasgada em feridas de angústia,
mãos enormes, espalmadas, erguendo-se em
jeito de quem implora e ameaça, corpo tatuado
de feridas visíveis e invisíveis pelos chicotes da escravatura...

Torturada e magnífica,
ativa e mística,
África da cabeça aos pés,
- ah, essa sou eu:

Se quiseses compreender-me
vem debruçar-te sobre minha alma de África,
nos gemidos dos negros no cais
nos batuques frenéticos dos muchopesna
rebeldia dos machanganas
na estranha melancolia
se evolvendo duma canção nativa, noite dentro...

E nada mais me perguntes,
se é que me queres conhecer...
Que não sou mais que um búzio de carne,
onde a revolta de África congelou seu grito inchado de esperança.
25/12/1949

Sant'anna (2009) defende que, para a análise do poema acima intitulado: *Se me quiseses conhecer*, de Noémia de Souza, faz-se necessário entender que a construção da poética feminina moçambicana está intimamente ligada à revolução para a independência do país, há 46 anos, uma "ruptura" com os laços forçados da colonização portuguesa, com esse nascimento literário acontecendo imerso ao "novo mundo", mas ainda muito marcado pelas influências de outrora.

Ao tecer o poema, nos versos iniciais "Se me quiseses conhecer,/estuda com olhos de bem ver/esse pedaço de pau preto/ que um desconhecido irmão maconde/ de mãos inspiradas/ talhou e trabalhou em terras distantes lá do

Norte”, Noémia se eterniza e eterniza os seus, através da representatividade da sua cor, corpo e arte que fortalece a dimensão de pertencimento e a construção da identidade literária moçambicana. Essa construção identitária é resistência, na incessante busca de distanciamento das imposições e opressão, resquícios da escravidão que se manifesta através dos versos “Ah, essa sou eu:/órbitas vazias no desespero de possuir a vida/boca rasgada em ferida de angústia,/mãos enorme, espalmadas,/erguendo-se em jeito de quem implora e ameaça,/corpo tatuado de feridas visíveis e invisíveis pelos chicotes da escravatura.../Torturada e magnífica/altiva e mística,/África da cabeça aos pés,/ – ah, essa sou eu”. Para Sousa (2008):

A fala poética em todo o seu dimensionamento dramático desdobra-se em um ritmo angustiante, pelo qual a identificação com a terra metaforiza a fusão do eu-lírico com a devastação do continente. As imagens da terra martirizada são construídas através da construção do homem em seu desespero de possuir uma condição digna de sobrevivência. Essas imagens potencializam os processos de alienação do homem colonizado, sendo o corpo feminino metonímia para essa figuração. Ao associar essas imagens a dor do povo moçambicano, Noémia concede voz a um sujeito lírico feminino que revela a desumanidade do sistema econômico e político do colonialismo português (Sousa, 2008, p. 09).

Portanto, no gênero em análise, nota-se o compromisso da escritora com a luta, resistência que defende e mostra-se como uma voz feminina presente, em toda a tessitura textual, expressando angústias, lamentos e, também, os alentos dos instantes de “liberdade”, como vemos nos versos “Se quiseres compreender-me/ vem debruçar-te sobre a minha alma de África,/ nos gemidos dos negros no cais/ nos batuques frenéticos do muchopes/ na rebeldia dos machanganas/ na estranha melodia se evolvendo/ duma canção nativa, noite dentro...” E na quinta final, “E nada mais me perguntes,/ se é que me queres conhecer.../que não sou mais que um búzio de carne/onde a revolta de África congelou/ seu grito inchado de esperança”, Noémia transmite-nos uma percepção de terra, espaço e liberdade em que se assemelha a mulher africana/moçambicana, em face a emancipação dentro do campo da literatura, numa desconstrução do silenciamento da voz feminina nas narrativas.

Já no poema abaixo, observamos deste seu título: *Negra*, a presença marcante da figura feminina. A mulher negra descrita pelo colonizador que não

consegue enxerga-la além da aparência, limitando-se a sua beleza física e estereótipos de sensualidade.

*Gentes estranhas com seus olhos cheios doutros
mundos quiseram cantar teus encantos para elas só de
mistérios profundos,
de delírios e feitiçarias...
Teus encantos profundos de África.*

*Mas não puderam.
Em seus formais e rendilhados cantos,
ausentes de emoção e sinceridade,
quedaste-te longínqua, inatingível,
virgem de contactos mais fundos.
E te mascararam de esfinge de ébano,
amante sensual,
jarra etrusca,
exotismo tropical,
demência, atracção,
crueldade, animalidade, magia...
e não sabemos quantas outras palavras vistosas e vazias.
Em seus formais cantos rendilhados
foste tudo, negra...menos tu.*

*E ainda bem.
Ainda bem que nos deixaram a nós,
do mesmo sangue,
mesmos nervos, carne, alma,
sofrimento, a glória única e sentida de te cantar
com emoção verdadeira e radical, a glória
comovida de te cantar,
toda amassada, moldada,
vazada nesta sílaba imensa e luminosa: MÃE.
23/07/49*

Para Goricki (2018), este poema trata da tentativa dos colonizadores de retratar a figura da mulher negra, configurando, em suas obras, apenas a superficialidade representada pelos “mistérios profundos,/ de delírios e feitiçarias”, sem alcançar profundidade, compreensão e valor da verdadeira face da mulher negra, utilizando-seda imagem da mulher sedutora para representação. Mas logo abaixo a autora empodera a mulher negra e responde que somente o povo negro poderia desvendá-la e escrevê-la, por se tratar das mesmas dores: “Ela afirma que apenas os poetas “do mesmo sangue, mesmos nervos, carne, alma,/ sofrimento” podem cantar a mulher negra “com emoção verdadeira e radical” (Goricki, 2018, p.43).

Ao final do poema, esta mulher alcança seu ápice, o status de mãe que, neste poema, grafado com letras maiúsculas pode ser interpretado como a mãe de todos, a Mãe-África. A Mãe-África que está presente em muitos poemas da escritora, como o que dá nome ao livro “Sangue Negro” (2001), no qual, de acordo com Mary L. Daniel: “pode ser visto como um exemplo de “escrita feminina”, em termos da sua linguagem metafórica e da implicada solidariedade entre a autora e outras mulheres.” (Goricki, 2018, p. 54).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, podemos observar que os resquícios do processo de colonização realizados pelos países europeus sobre os países africanos e até mesmo americanos reverberam até os dias atuais. A imposição da ordem e o subjugamento sofrido pelos povos colonizados são reproduzidos e ecoam pelos becos e vielas de nossas cidades.

Violência ainda mais forte foi a sofrida pelos povos africanos que tiveram, além de sua cultura e tradição, sua cor estigmatizada e lutam, até hoje, para ter o reconhecimento de seus saberes e origens enquanto povos originários da humanidade.

Aprendemos ainda que não podemos generalizar os povos africanos, pois seu imenso território abriga centenas de culturas e povos de conhecimentos singulares, muito menos devemos nos orientar sob a cultural ocidental para representa-los, mesmo sendo um país colonizado por europeus. As culturas originárias resistem e são diversas, cabendo a nós buscar, como fonte de conhecimento, os próprios escritores e intelectuais da região.

Os feminismos africanos existem e são representados e interpretados de forma diferente, de acordo com os países, as diásporas ou os estudiosos que estão analisando as situações, logo temos que compreender o contexto e o lugar de fala destes intelectuais.

Noémia de Sousa foi uma grande poetisa que, através de sua arte, conseguiu desvelar as dores do seu povo, sua voz até os dias de hoje, pode ser ouvida como um grito de provocação e convocação à luta. As mulheres foram e são representadas por Noémia de Sousa, exemplo de resistência, de força, de crença no direito à liberdade e igualdade entre os povos.

REFERÊNCIAS

GASPARETTO, Vera F. "O campo dos estudos de gênero em Moçambique/África". In: **Revista de. Estudos Feministas**, vol.28, no.1, Florianópolis, jun. 01/2020, p. 1-16: Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&n-d=S0104-026X2020000100506]. Acesso em: 03.07.2021.

GORINKI, Petra. A poesia de Noémia de Sousa e a Negritude. 2018. (Tese de mestrado) - Faculdade de Letras, Departamento de Estudos Românicos, Cátedra de Língua Portuguesa, **Universidade de Zagreb, Zagreb**, 2018. Disponível em: [goricki.PDF \(unizg.hr\)](http://goricki.PDF(unizg.hr)) Acesso em: 25nov. 2021.

LEITE, Ana Mafalda. "Voz, origem, corpo, narração: poesia de Noémia de Sousa"; "Canto, Recitação, Memória: poesia de José Craveirinha". In: **Oralidades & Escritas nas literaturas africanas**, p. 101-118.

MAMA, Amina. "Anima Mama: sobre feminismos africanos. In: Buala, 11/07/2021. Disponível em: Amina Mama: sobre feminismos africanos | **BUALA**. Acesso em: 05/11/2021.

OYĚWŪMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Tradução para uso didático de: OYĚWŪMÍ, Oyèrónké. Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, **CODESRIA**, 2004, p. 1-8 por Juliana Araújo Lopes.

OYĒWŪMI, Oyèronké. Family bonds/Conceptual Binds: African notes on Feminist Epistemologies. Signs, Vol. 25, No. 4, **Feminisms at a Millennium** (Summer, 2000), pp. 1093-1098. Tradução para uso didático por Aline Matos da Rocha. (LAÇOS FAMILIARES/LIGAÇÕES CONCEITUAIS: NOTAS AFRICANAS SOBRE EPISTEMOLOGIAS FEMINISTAS).

SALAMI, Minna. "Uma breve história do feminismo africano". In: **Ondjango Feminista**, 10/04/2017. Disponível em: <https://www.ondjangofeminista.com/txt-con/2017/4/10/uma-breve-histria-do-feminismo-africano>. Acesso em 03.07.2021.

SANT'ANNA, Jacqueline Britto. O discurso poético de Noémia de Sousa: resistência, poder e subalternidade. **Kalíope**, v. 5, n. 10, 2009: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kaliope/article/viewFile/7472/5456>

SOUSA, Noémia. "Se me quiseses conhecer". In: . Sangue Negro. São Paulo: **Kapulana**, 2016, p. 40-41.

SOUSA, Noémia de. Sangue negro. Maputo: **AEMO**, 2001, p. 136- 138